

BOTELHO, JOSÉ MARIO. *ORALIDADE E ESCRITA SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO* (2012)

Marcos de Jesus Santa Barbara (FFP-UERJ)
marcosjjbarbara@gmail.com



BOTELHO, Jose Mario. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Jundiaí-SP: Paco, 2012. 189p.

<https://www.amazon.com.br/Oralidade-Escrita-Sob-Perspectiva-Letramento/dp/8581480713>

Em *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento* (2012), uma adaptação de sua tese de doutorado, defendida em 2002, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Botelho procura discutir oralidade e escrita e as influências de uma sobre a outra em suas práticas discursivas, constatando que há mais semelhanças do que diferenças entre elas.

O autor apresenta ao leitor, de início, o encantador poema “O que é letramento”, escrito por Kate M. Chong e traduzido por Magda Soares. Em seus versos, assim como no texto de Botelho, podemos perceber que a proposta é nos conduzir pelo caminho da interação, do envolvimento, da praticidade, do movimento, enfim, é nos fazer caminhar por uma via de mão dupla, por onde transitam processos linguísticos, que constituem particularidades de cada uma daquelas, tidas como modalidades linguísticas, mas que se influenciam mutuamente, quando tomadas como práticas sociais.

Com muita clareza nos seus posicionamentos, profundo conhecimento sobre o assunto e notável consciência da sua contribuição para o desenvolvimento do tema, Botelho, partindo do princípio de que a língua está fundamentada nos usos sociais, descreve-nos uma pesquisa detalhadamente planejada e posta em prática, já que o *corpus* que lhe servira de cotejo constitui-se de material coletado de seus alunos *in locu* em turmas do Ensino Fundamental e Médio do Colégio Pedro II, em que atuava como docente. Certamente, esse material coletado, que não fora incluído no

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

livro em destaque, transmitiria informações relevantes para o leitor desejoso por se atualizar nessa área do conhecimento.

Seguro de que, no geral, a busca dos estudiosos por identificar a natureza das diferenças entre oralidade e escrita já se encontra bem avançada, Botelho investe, com muita propriedade, em apresentar as dicotomias mais conhecidas pelos pesquisadores para chegar ao seu interesse: constatar a semelhança entre a oralidade e a escrita e como isso ocorre. Para tanto, começa definindo e relacionando conceitos básicos como os de sociedade, cultura e letramento, sendo este último cuidadosamente abordado e definido, uma vez que, como um neologismo, seu emprego se confunde com o de alfabetização e era, até então (2002, quando a tese fora defendida), contestado por vários linguistas. Depois, fazendo uso de uma metodologia comparativa muito bem elaborada, descrevendo primeiramente a natureza de cada uma delas como modalidades da língua tão simplesmente, sua obra vai tomando forma. Quando ele compara e analisa textos escritos em relação aos seus referentes orais conforme diferentes níveis de escolaridade de seus informantes, chega a uma conclusão, no mínimo, interessante. A saber, o autor se utilizou de 10 (dez) narrações orais e espontâneas de 10 (dez) diferentes alunos de 6ª série e outras 10 (dez) de 10 (dez) alunos de 1º ano do Ensino Médio, comparando-as com 20 (vinte) versões escritas daquelas narrações orais, num primeiro momento. Três anos depois, coletou outras 40 (quarenta) versões orais e escritas daqueles mesmos alunos na 8ª série e 3º ano do Ensino Médio, num segundo momento, comparando-as entre si e também com aquelas primeiras. Numa perspectiva ampla, essa forma de realização da pesquisa fez ressaltar nos textos tanto orais, quanto escritos, determinadas tendências na construção das práticas discursivas, que se traduziram, por fim, no caráter isomórfico dessas duas linguagens.

No primeiro capítulo do livro: “Princípios teóricos: conceitos básicos”, Botelho dimensiona os conceitos básicos, relacionando-os para nos esclarecer sua posição sobre letramento como um conjunto de práticas sociais voltadas para o exercício da leitura e da escrita. Assim, inicia com três subitens curtos, em que explica, de forma resumida, em “1. Letramento, sociedade e cultura”, tais conceitos; em “2. Sobre alfabetismo ou letramento”, ratifica a distinção entre “alfabetismo” – que é o “estado ou condição daquele que aprende a ler ou escrever” (BOTELHO, 2012, p. 24) e “letramento” – que é “a habilidade de emprego de todas as possíveis demandas de leitura e escrita por parte dos usuários de um grupo social” (p. 24) – e assevera em “3. Oralidade e escrita, como práticas so-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ciais” que “a investigação da oralidade e da escrita, como práticas sociais, está diretamente ligada com o papel que exercem nas civilizações contemporâneas” (BOTELHO, 2012, p. 24). Neste subitem, que é um pouco mais desenvolvido (três páginas e meia), esclarecem-se os conceitos de “oralidade primária” e “oralidade secundária”; aquela, segundo Ong (1982), é a que “ocorre em uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da técnica da impressão” (BOTELHO, 2012, p. 26) e esta, “a que ocorre em uma cultura de alta tecnologia, onde despontam a comunicação telefônica, as transmissões radiofônica e televisiva e muitos outros meios de comunicação eletroeletrônica”.

Em seguida, desenvolve, no extenso subitem “4. Oralidade e escrita na sociedade”, a ideia norteadora da obra em si. Ele defende, com propriedade, a ideia de que, no Brasil, a leitura e a escrita não são efetivamente praticadas, porém se encontram em constante busca pelos educadores focados em mensurar nível de letramento. Afirma que até mesmo um analfabeto tem letramento, que pode ser de um grau tão elevado ou maior do que o de uma pessoa alfabetizada. Aproveita esse contexto para nos posicionar sobre o papel da língua tanto na modalidade oral, quanto na escrita, no âmago da nossa cultura. Numa revisão minuciosa sobre esse assunto, sem deixar de nos mostrar e de se posicionar quanto à importância do uso da escrita na nossa sociedade, seu foco recai sobre a oralidade como objeto de análise. Discutindo o pensamento e as ideias básicas de vários estudiosos, dentre eles Ong, Havelock, MacLuhan, Goody e Watt, Olson, Scribner, Street, Wagner, Marcuschi, Bernstein, Labov, Halliday, Ochs, Tannen, Biber, Chafe, Botelho vai-nos mostrando e sinalizando os inconvenientes de cada tendência de análise.

Propondo comparações mais coerentes entre os gêneros textuais, como a de uma conversa informal a um bilhete familiar e um artigo acadêmico a uma conferência, defende a tese de que devemos fazer a análise das linguagens verbais dentro de um *continuum* tipológico no subitem “5. O contínuo tipológico”. Nesse subitem, afirma que “A comparação entre a linguagem oral, cujo representante é uma conversa informal entre amigos, e a linguagem escrita, cujo representante é um artigo acadêmico, apenas porque ambas são modalidades discursivas da língua é, no mínimo, inconveniente” (p. 40). Certamente, tal prática conviria àqueles que procuram comprovar que oralidade e escrita são diferentes. Para o autor, corroborando Marcuschi (2001), “conversa informal” é o protótipo da fala e “texto acadêmico”, o protótipo da escrita, que devem ocupar os ex-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tremos das linhas opostas do contínuo tipológico, ao longo das quais se distribuem ao longo das linhas a série de produções discursivas. Para Botelho, assim como para Marcuschi (2001) e tantos outros linguistas contemporâneos, “a partir da noção de contínuo dos gêneros fica claro que muitos autores se equivocaram quando afirmaram que a fala é uma forma dialogada e a escrita, monologada, fazendo uma verdadeira confusão entre uma das formas de textualização da fala (a conversação) com modalidade oral em si e entre uma das formas da escrita (textos acadêmicos) com a modalidade escrita”.

Mais adiante, citando Tannen, Marcuschi, Koch, Pawley Syder, Stubbs, Kato e, principalmente, Chafe, corrobora sua própria tese defendida anteriormente (BOTELHO, 1997) de que existem mais semelhanças do que diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua, chegando assim ao “6. O caráter isomórfico das linguagens”, tema que se desenvolve no subitem homônimo. Nesse subitem, Botelho apresenta a releitura do quadro proposto por Kato (1987, p. 11), em que se pode observar o “Ciclo de simulações contínuas” que garante o referido isomorfismo:

Ciclo de simulações contínuas.



Fonte: Botelho (2012, p. 55).

Finalizando esse primeiro capítulo, em “7. Sobre a pesquisa de Terzi”, Botelho digressiona sobre a proposta de Terzi (1995), que relata o desenvolvimento de leitura de crianças iletradas.

Segundo Botelho (p. 56), “atividades dessa natureza, voltadas para o mecanicismo da escrita, em que o texto é tido pelas crianças como um conjunto de vocábulos evasivos, estabelecem conceitos falsos de escrita, de leitura e de texto”.

No segundo capítulo: “Influências mútuas de uma modalidade sobre a outra”, o autor detém-se, com perícia, no exame crítico dos processos de construção do seu material de pesquisa, os textos orais e escritos de seus alunos, e na análise dos dados obtidos, concluindo particularmente que existe algo mais entre as modalidades da linguagem verbal que certas características particularizantes. No primeiro subitem desse segundo capítulo, “1. Influências da linguagem oral sobre a prática da escrita”, observando as influências da oralidade sobre a produção escrita, ele nos diz que é bastante comum identificarmos o registro de marcas da oralida-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de tais como: a referência, a repetição, os marcadores discursivos, a justaposição de enunciados, o discurso citado e a segmentação gráfica (Cf. p. 59-67). Por outro lado, analisando um segundo momento da aquisição das linguagens, no qual a escrita já está convencionalizada e socializada pelos usuários da língua, ele constata que esta agora é que influencia a fala por meio de marcas tais como: uso de conectivos subordinativos e coordenativos na construção de frases sintaticamente complexas, uso de pronomes relativos, construções frasais mais longas que um período simples, uso do verbo na voz passiva, nominalizações e elipse do sujeito do período (Cf. p. 67-72). Botelho, por fim, sugere que, quando um usuário da língua chega a um nível de letramento considerado elevado pela sociedade, não nos é fácil mais dizer com precisão acadêmica de onde vem as marcas contidas no seu discurso e isso caracteriza um ciclo de simulações contínuas chamado de isomorfismo.

A partir desse momento, viabiliza-se um terceiro, em que se cria um ciclo de influências mútuas, constantes e de difícil descrição, pois o grau de letramento é tão acentuado que já não é possível determinar a referência, a não ser de ordem processual, em [*sic*] que o meio de produção e a concepção de produção de que tratou Marcuschi. (BOTELHO, 2012, p. 74)

No terceiro capítulo, “A natureza da linguagem oral e da linguagem escrita”, o mestre, com base nos estudos de Chafe (1987), apresenta-nos a natureza dessas linguagens. Para tanto, em “1. A Linguagem Oral e a Linguagem Escrita, segundo Chafe”, Botelho nos mostra que o linguista americano procurou *a priori* identificar as diferenças entre a fala e a escrita dos usuários da língua para, *a posteriori*, buscar explicações para essas diferenças. Juntamente com Tannen, Chafe (1987) traz à tona a hipótese de que as intenções de uso da língua e/ou as condições de sua produção promovem diferentes tipos de linguagem. Para isso, segundo Botelho (p. 76), Chafe analisou quatro gêneros discursivos: conversação e conferência como (protótipos da oralidade) e carta e artigo acadêmico como (protótipos da escrita). Sobre essas produções, foi constatado que eram diferentes pelo fato de serem, os primeiros, falados e, os segundos, escritos.

Dessa dicotomia, vieram as outras, que lhe serviram como parâmetros: variedade de vocabulário, nível de vocabulário, construções de orações, construções de frases e envolvimento de distanciamento.

Botelho, então, em confronto com aquela proposta de Chafe, procura definir a natureza da linguagem oral em “2. A natureza da linguagem oral”. Nesse subitem do terceiro capítulo, ressalta que há particula-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ridades extralinguísticas que a promovem como uma modalidade específica da língua: a gesticulação, a expressão facial ou corporal durante a interação, a eficácia na correção da informação caso a mensagem não seja compreendida pelo interlocutor, a simplicidade sintática gerada pelo conhecimento prévio compartilhado dos participantes da interlocução, a fragmentação causada pela falta de termos subentendidos, o vocabulário limitado, a representação do sujeito e, por fim, a repetição de termos (Cf. p. 84-8).

Em “3. A natureza da linguagem escrita”, do ponto de vista da escrita, em se tratando de uma linguagem em que emissor e receptor, na maioria das vezes, se encontram distantes no espaço e no tempo, a objetividade, a clareza e a concisão são definidas por ele como as particularidades de maior importância para definir essa linguagem (Cf. p. 88).

Por isso, a correção gramatical é tão importante. Um texto em que o assunto é apresentado de forma objetiva, cujas ideias concisas (sem rodeios e perfeitamente organizadas) tornam o texto claro, tem tudo para ser compreendido pelo receptor e nele provocar o efeito desejado. Daí, ser o texto escrito essencialmente normativo, referencial. (BOTELHO, 2012, p. 89)

No minúsculo capítulo seguinte, “Particularidades da língua portuguesa”, Botelho trata de duas importantes características da língua portuguesa. Em “1. Estrutura frasal do português”, destaca o assunto sintaxe de posição ou colocação, fazendo uma comparação entre a estrutura sintática SVO, propriamente consagrada pela linguagem escrita e considerada fundamental para dirimir possíveis ambigüidades; em “2. O tópico na língua portuguesa”, discorre sobre o fenômeno da topicalização, comumente usado na linguagem oral para enfatizar determinado termo, a fim de, mais uma vez, defender a tese de que há mais semelhanças do que diferenças na nossa língua. Comparando textos escritos e falados de seus informantes, ele constata que o português do Brasil é uma língua proeminentemente de Tópico e de Sujeito, contrariando a tradição gramatical, defensora incansável de que seja uma língua somente de Sujeito (Cf. p. 96).

No quinto capítulo, “Metodologia de investigação”, o autor apresenta resumidamente a forma como dirigiu a sua pesquisa.

O sexto e último capítulo, “Análise dos dados”, constitui, como sugere o título, a extensa análise daquelas 40 (quarenta) produções orais e 40 (quarenta) escritas de seus alunos, que lhe serviram de informantes. Convém lembrar que o âmago da referida pesquisa não fora comparar os produtos orais e escritos, confrontando-os. A intenção do autor fora, de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

fato, comparar os dois momentos de um mesmo informante na prática da oralidade e da escrita, já que cada um dos 20 (vinte) informantes produziu duas narrativas orais espontâneas num espaço de três anos de prática da escrita institucionalizada e duas versões escritas da mesma narrativa também no mesmo espaço de três anos. Certamente, o resultado da pesquisa comprovou aquela hipótese de que, na prática diária das modalidades da língua, ocorre a influência de uma sobre a outra, o que as torna semelhantes; num primeiro momento, a escrita se assemelha à oralidade por receber influência direta desta, e, num segundo momento, a oralidade se assemelha à escrita, também por receber influências da modalidade institucionalizada (Cf. p. 105 a 172).

Para finalizar, têm-se as “Considerações finais” e as “Notas”, em que o autor confirma as suas ideias e reitera que há “mais semelhanças do que diferenças entre as modalidades discursivas” (p. 174), já que são duas modalidades de um mesmo sistema de uma dada língua. Também afirma que tal fato pode ser constatado, “se, em vez de uma comparação dicotômica ou entre as linguagens oral e escrita ou entre aqueles seus gêneros prototípicos, comparássemos os gêneros que ocupam o mesmo ponto no contínuo tipológico” (p. 174).

Podemos nos apropriar dessa formulação de Botelho para afirmar que seu próprio texto, *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*, propõe-se ao leitor como uma construção em si mesma reveladora que se organiza e se fundamenta em um exercício profícuo de análise e interpretação das linguagens. Assim, o autor reafirma o seu compromisso com a busca da verdade científica, com o empenho incessante para encontrar o conhecimento, com a Linguística Sociointeracionista e com nós leitores.

Levando-nos por esse percurso de leituras e descobertas sobre a oralidade e a escrita, Botelho incentiva e enriquece nossa percepção sobre os fenômenos da linguagem verbal. Lembra-nos sempre não só de que a língua representa o homem, mas sobretudo de que ela está viva e na boca do povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, J. M. *Oralidade e Escrita sob a perspectiva do letramento*. Jundiaí: Paco, 2012.

CHAFE, W.; TANNEN, D. The relation between written and spoken

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

language, *American Anthropological Review Antropol*, p. 383-407, 1987.

KATO, M. A. (Org.). *No Mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001

ONG, W. J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.

_____. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.

TERZI, S. B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios letrados. In: KLEIMAN, Â. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 91-117